

## Como as democracias morrem? E a escola?

Ivan Luís Schwengber

Orcid.org/0000-0001-6222-6740

E-mail. ivan.s@unochapeco.edu.br

### Para começo da conversa

Quando o intrigante texto *Como as Democracias Morrem* venho ao público, publicado nos Estados Unidos pelo país que se denomina os *guardiões da democracia*, percebemos novamente que as formas de governo democráticas sempre estão sob risco. Muito já tem se escrito sobre a democracia como forma de governos e suas fragilidades e instabilidades. Segundo os autores há dois grandes pilares da sustentação democracia norte-americana, desenvolvidas no capítulo *As grandes proteções da democracia* baseada na confiança na Constituição, são elas as 1) tolerância mútua e 2) a reserva institucional, (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018). O sistema democrático americano estava passando pelo seu maior desafio desde sua fundação, iriam tentar o poder das instituições para manter a democracia como forma de governo. Partindo desta conjuntura, nossa sugestão é apostar no papel sustentação da democracia, como forma de vida. Os testes de sistemas de governo democrático exigem uma aposta em mais democracia, e isto, não acontece se a democracia não é um *habitus* cotidiano. E com isto, queremos com John Dewey, na educação, e em especial na instituição educacional pública.

Como Honneth (2013) manifestou a filosofia política em seu debate minimizado o papel da educação democrática para as formas políticas, e; que no contexto atual americano Nussbaum (2015) destaca a importância da educação das capacidades democráticas através da humanidades, ou seja, a democracia vive através pessoa que tem espírito crítico, análise lógica e imaginação, que é despertada através da educação, tendo como papel fundamental o estudo das humanidades. E segundo Oelkers (2017), sempre estamos autorizados a voltar a Dewey em se tratando da conexão entre democracia e educação, e há, segundo Antic (2018), uma retomada dos estudos de Dewey no contexto alemão. Nosso objetivo neste ensaio não é fazer toda uma releitura desta longa e árdua tradição, mas juntamente com Dewey, a partir do livro *Os problemas do homem* (1952) reatualizar o papel da escola na democracia de que a instituição escola pública como instituição especial para a formas de vida democráticas, como alternativa fundamental para o não perecimento das forma democráticas.

Considerando a *Revolução Digital* que traz em seu bojo a ingênua possibilidade de uma democracia radical (ANTIC, 2018), e o enfraquecimento dos tradicionais meios de comunicação como bolhas de filtragem – os tradicionais meios de comunicação -, para formação das esferas públicas caracterizada pelo comportamento de enxame, que segue a manada digital, sem um identidade ou responsabilidade com a vida alheia. Acrescenta-se a isto, a pandemia que tem potencializado a importância das comunicações digitais principalmente na educação. A antiga tese de Dewey é que a democracia necessita da educação para ser uma forma de vida, e conseqüentemente, democratizar as democracias para evitar as crises.

### **Sobre o chamado da Democracia à educação**

1. A necessidade da educação para a democracia é reconhecida na tradição americana pelos escritos de Horácio Mann, que segundo ele teria profetizado a necessidade de uma escola pública e gratuita para todos para preservar o modo de vida democrático. Esta necessidade também se refere há um tipo de capacidade democrática (NUSSBAUM, 2015) que tem na educação pública sua possibilidade de ser desenvolvida: o autogoverno de homens e mulheres. A escola, dentro todas as instituições, é a única instituição capaz de realizar esta salvação democracia, pela capacidade de ser preventiva; enquanto que todas as outras instituições precisam ser curativas de esferas públicas que às produziriam. A escola não se relaciona de forma direta com as democracias como formas de governo.

2. O problema que persiste era pôr esta instituição a serviço da democracia? Como a escola pode estar a serviço da democracia como forma de vida? A relação da educação com a formas políticas que esta tarefa não é uma relação simétrica, do grande e do pequeno (OELKERS, 2000): “E por certo que não podemos nos contentar com o obtido em relação a escola como meio para garantir a democracia política”(DEWEY, 1952, p. 47). Em outras palavras a escola não está a serviço das formas de poder democrática, a relação formativa é mais exigente, isto resultaria no que Dewey crítica no sistema alemão de um *civismo nacionalista*, a escola não somente preparará cidadãos. Para além das fronteiras políticas, a democracia como forma de vida é necessária, precisamos retornar visão mais alargada de educação, em cosmopolita como queria Kant (2017).

3. A democracia exige uma noção revigorada de indivíduos(2003), que precisa desenvolver uma autonomia cooperativa (HONNETH, 2001), que não implica em uma radical liberação de toda as relações ou dependência exterior, mas tipo de sujeito livre e

cooperativo. As escolas estão a serviço dos “indivíduos” e seus interesses privados ou a serviço de deveres e prerrogativas sociais necessárias para a vida adulta. A democracia como forma de vida que desenvolve as capacidades de cada indivíduo para tomar parte da sociedade.

4. Entender formas políticas como formas estática e exterior de poder ofusca a vida interior das relações de vida, assim como qualquer manifestação de democracia não se mantém fixa, cristalizada, exige uma constante interação ou *participação* de membros. A institucionalização da democracia em formas de poder, acabam enfraquecendo ofuscando a democracia como forma de vida, como movimento adaptativo e sensível da existência. “Na minha opinião, um dos maiores erros que se pode cometer no tocante a democracia é concebê-la como algo fixado, fixado como concepção e sua manifestação exterior.”(DEWEY, 1952, p. 47). Esta institucionalização, também se refere a conceituação fixa da democracia, como um conhecimento estático, como uma “coisa”, uma manifestação factual, um fenecimento da democracia. Quando a democracia se descola das formas de vida, e cristaliza-se como forma de governo ela burocratiza-se, e as “regras do jogo democrático” (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018) passam a ser estipuladas como formas de poder.

5. Para evitar esta estatização democrática é manter ela perto das formas de vida. Há uma exigência de manifestação de um certo tipo de vida humana, a solução é a vida inteligente, o desenvolvimento do reflexão obtida pela investigação, em outras palavras, o método experimental da ciências (DEWEY, 1950). A democracia como forma de vida deve ser constantemente investigada:

A verdadeira ideia de democracia, a significação de democracia, deve ser continuamente reexplorada; deve ser continuamente descoberta e redescoberta, refeita e reorganizada; e as instituições políticas, econômicas e sociais em que se encontra encarnada tem que ser refeita e reorganizadas para fazer frente as mudanças que tem lugar no desenvolvimento de novas necessidades e novos recursos para satisfazer as novas necessidades (DEWEY, 1952, p. 47).

A renovação da vida, da interação de diferentes grupos sociais, com diferentes visões e manifestações sociais, que compõe as sociedades, exigem constante atenção e aperfeiçoamento das concepções de democracia, que tem na investigação reflexiva e científica, no método experimental sua forma mais elaborada para enfrentamento de novas situações.

6. As formas de vidas democráticas encarnadas em outras instituições e organizações devem ser continuamente reinventadas e ressignificadas, já que a institucionalização tende a fixar e a estagnar a vida, e os movimentos necessários ficam automatizados ou protocolares, impedindo a reinvenção e a pulsação da vida. A vida nunca permanece estática, ela sempre implica em movimento, se não se movimentar retrocede e morre, não é diferente com a democracia: “A democracia como forma de vida não pode permanecer quieta: ela também, se quer viver, deve avançar enfrentando as mudanças presentes e futuras” (DEWEY, 1952, p. 47).

7. O surgimento do *público*, segundo Dewey (2004), que é a complexificação do social, que implica em afetar pessoas que não estão diretamente envolvidas na ação social, tem dificultado a cooperação intergeracional, ou seja, o percurso de inserção na sociedade adulta tem se tornado mais longa e, já não ocorre espontaneamente com a convivência. O surgimento do público exige de sistemas educacionais públicos. Segundo Dewey a democracia depende da escola para se mover. As pequenas sociedades tinham capacidade de influenciar na cooperação, e nas formas de vidas participativas dos seus membros mais jovens. As sociedades complexas exigem uma atividade formativa especial com os imaturos, pois com a sofisticação da vida através dos avanços produto do conhecimento científico e da alteração dos meios de comunicação. O surgimento de novas interações públicas e sua relação com o poder, exigem o surgimento de sistemas públicos de educação, dentre elas a principal é a escola.

8. O papel da escola, de forma geral é o de adequar os mais jovens aos padrões sociais vigentes. Os mais jovens carecem de entender o mundo em que estão inseridos, a escola tem a função de transmitir dos valores sociais. A transmissão é um papel necessário, todavia, não é suficiente para as formas de vida democráticas, sendo imprescindível que as novas gerações se insiram ativamente na sociedade, e para isto precisam operar com inteligência. Precisam não só aprenderem, mas se *compreenderem* no contexto atual e num contexto de possibilidades em que se sentem inseridos.

Só se as futuras gerações aprenderão na escola a compreender as forças sociais operantes, as direções em que se movem e o modo como se entrecruzam, as consequências que produzem e produziram se se entende e maneja com inteligência - só se as escolas facilitarem esta compreensão, teríamos alguma seguridade de que atendem ao chamado que a formula a democracia (DEWEY, 1952, p. 47).

Para haver alguma garantia da escola desenvolver a democracia como forma de vida, seria do desenvolvimento da vida inteligente, que implica minimamente em termos pedagógicos num aprendizado ativo e social a partir conhecimento científico. A democracia necessita de formas de vida inteligente, para contribuir ativamente com a vida democracia. As escolas somente conseguem atender a este chamado se se moverem e se reorganizarem constantemente dialogando inteligentemente com o meio.

9 O núcleo da reflexão sobre o papel da escola para a democracia é alimentar de forma inteligente os partícipes da esfera pública, e, portanto, não somente de um certo grupo de sujeitos competentes ou capazes para tal. E a tese é que somente a escola consegue preventivamente dar uma direção inteligente as democracias “Se fracassa nisto, as escolas não podem dar a democracia a direção inteligente de suas forças que necessita para continuar vivendo”(DEWEY, 1952, p. 48). E núcleo da tese deweyana a escola pública consegue dar vida inteligente a democracia.

Para responder a democracia a escola deve compreender o movimento e a direção das forças sociais, compreender as necessidades coletivas e os recursos disponíveis.

### **A guisa de reflexões**

Nossa reflexão nos levou a considerar a escola enquanto instituição pública tem papel fundamental para evitar as mortes da democracia. Esta relação, no entanto, não é direta, ela sempre acontece de forma preventiva. Para confiar desenvolver a tolerância mútua e a confiança nas instituições democráticas é necessário desenvolvimento das capacidades humanas, capacidades estas que não se desenvolvem de formas solipsista, Muitos teóricos da política preferem recorrer as tradições, as normas não escritas da cultura e da política, ignorando o papel da escola pública. (HONNETH, 2013). Alguns pontos são necessários considerar na revolução digital que Dewey nos ajudam a considerar.

O primeiro é que a tradição não é suficiente para inserir ativa e criativamente o sujeito na sociedade. A um afastamento geracional entre o mundo da criança e a necessidades dos adultos. As exigências laboriosas e produtivas têm convocado quase a integralidade do tempo dos adultos, a convivência com as crianças, por parte dos adultos tem se reduzido a movimentos pontuais de diversão. A transmissão e a inserção da criança no mundo não são mais feitas pela convivência espontânea. Isto tem levado ao surgimento de sistema de ensinos querem prematuramente inserir a criança nas competências produtivistas, destruindo a vida infantil. A escola não é o espaço da informação, mas o

espaço do cuidado e ressignificação do excesso de informações e habilidades que se exigem de uma criança. Isto nos leva ao segundo ponto, que o desenvolvimento emocional como assinala Nussbaum (2015) é fundamental para a democracia. O terceiro ponto é que a democracia como forma de vida na escola não é qualquer conteúdo a ser inserido no currículo, como forma de governo (OELKERS, 2020).

A rapidez com que os meios de comunicações digitais chegou e invadiu a instituição familiar, organização estatal e o mundo da criança, era e é visto com restrições pelas instituições públicas. Temos visto uma grande alteração no espaço público em todas as suas esferas e organizações sofrendo efeito da revolução digital. A *fake News* pôs na berlinda as formas institucionais, e exigiram uma rápida reorganização, que causou forte impacto em sistemas consolidados de democracia. Na beligerante democracia brasileira ainda estamos colhendo os frutos, numa tentativa de reorganização social. No caso específico da educação muitos sistemas de ensino tratavam como proibitivo o uso de tecnologias, e a necessidade de buscar novas alternativas é uma exigência que a pandemia impôs a relações pedagógicas. Grupos privados com iniciativas sofisticadas para a educação, tem se dedicado a vender programas, máquinas, aplicativos e softwares digitais para a modernização dos sistemas públicos de educação. Como a magia de soluções mágicas, ganham a adesão do professor pela *facilidade* e eficiência profissional, que não necessariamente condiz com o sentido pedagógico, na vida da democracia.

ANTIĆ, A. **Digitale Öffentlichkeiten und intelligente Kooperation: Zur Aktualität des demokratischen Experimentalismus von John Dewey**. Potsdam: Universität Potsdam, 2018.

DEWEY, J. **Logica: Teoría de la Investigación**. Tradução: Eugenio Imaz. México: Fondo de Cultura Económica, 1950.

DEWEY, J. **El hombre y sus problemas**. Tradução: Educando Prieto. 3. ed. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1952.

DEWEY, J. **Viejo y nuevo individualismo.pdf**. Tradução: Isabel García Andánez. Barcelona: Paidós, 2003.

DEWEY, J. **La Opinión Pública y sus Problemas**. Tradução: Roc Fillella. Madrid: Ediciones Morata, 2004.

HONNETH, A. Democracia como cooperação reflexiva: John Dewey e a Teoria Democrática Hoje. In: SOUZA, J. (Ed.). **Democracia hoje: novos desafios para uma**

**teoria democrática hoje.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001. p. 63–92.

HONNETH, A. Educação e esfera pública democrática: um capítulo negligenciado da filosofia política. **Civitas - Revista de Ciências Sociais**, v. 13, n. 3, p. 544–641, 2013.

KANT, I. **Sobre a Pedagogia.** Tradução: João Tiago Proença. Lisboa: 70, 2017.

LEVITSKY, S.; ZIBLATT, D. **Como as democracias morrem.** Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

NUSSBAUM, M. C. **Sem Fins Lucrativos: Porque a democracia precisa das humanidades.** Tradução: Fernando Santos. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2015.

OELKERS, J. Democratie und Bildung: Über die Zukunft eines Problems. v. 46, p. 333–347, 2000.

OELKERS, J. Wandel von Öffentlichkeit und die Zukunft der öffentlich Bildung. v. 11, 2017.

OELKERS, J. Öffentliche Bildung und partizipatorische Demokratie: Ein Essay. **Magazin erwachsenenbildung.at. Das Fachmedium für Forschung, Praxis und Diskurs**, v. 39, 2020.